O Centenário de Carlos de Laet

ANDRADE FURTADO

(Oração proferida na sessão de 3 de Outubro)

A comemoração, que o "Instituto do Ceará" hoje promove, merece de nossa parte todo o respeito e carinho devidos aos numes da Nacionalidade. Celebramos, neste dia, o centenário de nascimento de um dos mais brilhantes cultores da Literatura Brasileira, sem favor o maior jornalista de nossa imprensa, em todos os tempos, Carlos Maximiano Pimenta de Laet.

A sua figura de polemista exímio jamais, com efeito, desaparecerá da lembrança dos coevos e dos pósteros. E' que o batalhador singular dos renhidos prêlios do pensamento nunca foi excedido em vivacidade de inteligência e pureza de linguagem, em segurança de argumentação, em coerência com os princípios austeros da verdade, sem que tão pouco deixasse à margem os recursos do humorista, para que sobressaisse o sal ático do seu apurado bom gosto estilístico. Ao lado de Lafayette Pereira, Joaquim Nabuco, Ferreira Viana, Rio Branco, Eduardo Prado, Afonso Celso e de tantos outros génios tutelares da intelectualidade patrícia, trouxe, do tempo do Império, a formação humanística de uma cultura sólida, primorosa. Abeberou o espírito nas fontes de luz do Evangelho e pôs a sua pena invencível a serviço da causa da Igreja e da Pátria.

Conheci Carlos de Laet já quase octogenário, três anos apenas antes da sua morte. Guardo da sua fisionomia, acolhedora e simpática, reminiscência inapagável. A agilidade mental com que palestrava em avançada etapa da vida era indício da juventude perene de sua alma. Feria assuntos em foco na política e no campo religioso com o sainete da graça, que lhe era próprio. Foi o então vigário de São João Baptista da Lagoa, em Botafogo, hoje Bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Rosalvo Costa Rego, que me apresentou aquele homem a quem dedicava com enlevo admiração profunda e altíssima. Enquanto conversámos, aquela tarde de Abril de 1924, no seu gabinete de presidente do Círculo Católico, na rua Rodrigo Silva, crescia em mim a onda de veneração e de simpatia pelo saber e pela bondade

do Conde de Laet. E' que falava como escrevia, com elegancia e fluência, dando ao receber-me com tanta expressão de espontanea afabilidade uma prova de fidalguia que me deixava realmente penhorado ás suas maneiras cativantes. Atrevi-me, assim, encontrando-o á porta de uma livraria, a novamente procurá-lo e com ele manter alguns momentos de palestra. Não ocultava a curiosidade pelos assuntos referentes ao Ceará e exaltou os feitos históricos da libertação e da conquista do Acre, como exemplo da tenacidade e valor da raça. Íntimo amigo de Geraldo Bezerra de Menezes, conhecia, através daquele informante precioso das coisas da nossa terra, particularidades típicas do nosso povo.

Comentava, por isso, diversos aspectos deveras interessantes dos hábitos e usos dos sertões onde referve com vigor o sentimento de honra e bem viva permanece a fidelidade á fé, herdada dos nossos maiores A tudo juntava a pilhéria imprevista, o dito anedótico, a referência enfusiante que marcava de um brilho "sui-generis" o seu modo de conversar. Vi-o a esse tempo ocupar a tribuna, para saudar o eminentissimo e saudoso Cardeal Arcoverde, nas festas jubiliares da ordenação sacerdotal do primeiro Purpurado da América do Sul. Foi um discurso pronunciado com admirável felicidade e sóbria eloquência o que o venerando director do Colégio Pedro II fez para dar o seu testemunho a respeito da grande obra apostólica do inolvidável Arcebispo do Rio de Janeiro. A sessão solene no Instituto Nacional de Música havia reunido a mais distinta assistência da capital da República. Falaram insignes oradores, como D. Duarte Leopoldo, cónego Benedito Marinho, Afonso Celso, Jackson Figueiredo, Ramiz Galvão, Jónatas Serrano, quando assumiu também a tribuna o Conde de Laet. Era uma grande emoção para mim ouvir o homem que admirava com tanto fervor desde a meninice, de quem colecionara centenas de artigos e considerava o príncipe dos jornalistas brasileiros. Na verdade, a sua maneira de dizer tinha alguma coisa de original, pelo irresistível humor que sabia tão bem comunicar á asistência, a ponto de trazer o auditório constantemente irradiante de alegria. Começou por afirmar que não sem maior dificuldade descobriu a razão do convite que recebera para falar naquele momento. Exigia-se, por certo, eloquente entusiasmo, animação e ênfase, que já não se podiam encontrar num organismo septuagenário... Mas ele próprio achava que tinha sido feliz a escolha, porquanto, contando dois ou três anos mais do que o Cardeal, acompanhara de perto toda a sua benfazeja e fecunda vida apostólica. Outros dela falariam apenas de oitiva. Ele não! Vira pessoalmente os acontecimentos, assistira ás realizações e, como o caboclo do famoso poemeto de Gonçalves Dias, podia dar o depoimento esclarecedor da verdade:

"E quando nas tabas alguém duvidava,
Prudente tornava: — Meninos, eu vi!"

Analisou então, com brilho invulgar, a cabeça coberta da neve do tempo, contrastando com a jovialidade e viveza de expressão, a carreira eclesiástica do egrégio homem de Deus, alvo de tão nobres homenagens. Um dos oradores anteriores havia comparado o Cardeal Arcoverde a alteroso monte... Carlos de Laet achou o símile perfeito, mesmo porque o tratamento de estilo, dispensado áquele querido Antístite, era o de *Eminência*... E, servindo-se da imagem, passou a tecer considerações de uma precisão e justeza incomparáveis. Disse que os que atentam nas alturas de uma cordilheira em geral julgam essas paragens elevadas sempre calmas e tranquilas. Nem imaginam que nas ilhargas da montanha não raro se debatem os elementos e se entrechocam revoltosas as forças da natureza. Embaixo, paralelo á linha dos altos cumes, desliza um córrego humilde, escasso de água, cujo nome nem merece figurar no mapa corográfico. A cordilheira era o Cardeal e ele orador o riacho pequenino, mas cujas águas guardavam a glória, pelo menos, de haver reflectido, não somente os embates tumultuosos lá de cima, mas também as límpidas auroras que lhe iluminaram as alturas... Percorreu depois, em rápida e cintilante análise, a trajectória dos árduos trabalhos ministeriais do abnegado Pastor da Igreja, no Brasil. Ao concluir o seu magnífico e aplaudidíssimo discurso, pediu vénia para ser original na sua peroração. Rompendo a pragmática, não ia pedir a Sua Eminência a bênção que tantas vezes recebera de joelhos. Seria agora ele orador, pela prerrogativa da sua idade, que ia abençoar a Sua Eminência... "Deus vos abençoe, sr. Cardeal!"

Essas palavras reconstruídas pela imprensa, porque o discurso não fora lido, e agora resumidas neste breve escorço para vos mostrar, senhores, o poder da eloquencia verbal do inclito mestre na arte de bem falar, deixaram a quantos compareceram á solenidade inesquecível a mais intima impressão. Ainda hoje, conservo na retina da memória, como se visse diante de mim, o perfil de Carlos de Laet, sereno e majestoso, a encantar todo o vasto salão regurgitante do escol social da metrópole do País. Não era apenas escritor inimitável, mas igualmente conferencista primoroso. Há, de sua lavra, além de alguns discursos de paraninfado nos colégios, jóias do mais bem acabado lavor, e do valioso livro "Em Minas", várias conferências de subido mérito científico, como a que pronunciou no Gabinete Português de Leitura: — "Ferri: Sua construção científica", "Frade Estrangeiro", trabalho histórico de alta erudição, "Indiferentismo religioso", estudo doutrinário-apostólico, e "A Imprensa", crítica das mais bem feitas ás leviandades e desvios, aos vícios e especulações da filha de Gutenberg.

O discurso com que recebeu na Academia de Letras a Dom Silvério Gomes Pimenta constituiu uma das mais fulgurantes peças

proferidas no auditorium do nosso Silogeu. Ainda hoje não foi superada a excelência daquela obra prima da Literatura Nacional.

Sobretudo, o Conde de Laet possuía uma peculiaridade toda sua em apresentar o assunto, sem se confundir com a maneira de ver dos demais. Encontrava sempre um angulo diferente, por onde observava os homens e os factos. Mas a sua prosa nada tinha de rebuscada e retorcida. Era correntia e fluente, com acentuado sabor clássico, sem emprego de termos difíceis ou arrevezados. Possuía aquilo que os gualeses denominam apropriadamente "verve" e que podemos classificar como calor ou vivacidade de expressão. Sabia ao mesmo tempo irradiar a virtude britanica do "humour", que revela um estado de espírito prazenteiro e bem disposto.

Precisamos documentar a nossa assertiva para lhe dar cunho de absoluta exactidão.

Do exórdio da conferência sobre a Imprensa citemos a passagem que se segue: — "Em primeiro lugar, quando ocupo esta tribuna — a do Círculo Católico da Mocidade — tribuna que algo tem de cadeira da verdade, posto que em plana muito inferior, e quando assim obedeço ás ordens da ilustre directoria desta associação, eu deixo lá fora todas as minhas aspirações políticas e quaisquer ressentimentos de escritor. E depois, preciso me é dizer-vos que nenhuma queixa tenho da imprensa do meu País. Efectivamente ela me tem conferido nos meus 36 anos de jornalismo todos os elogios e... todas as contumélias. E' exacto! Em 1880, um crítico muito notável e competente, o dr. Sílvio Romero, assegurava (pondo-me aliás em boa companhia) que na roda literária fluminense havia três rematados idiotas. Um era o sr. Machado de Assiz, o outro era o Visconde de Taunay, o terceiro escusado é dizer-vos que era eu... Últimamente, porém, no longo, largo e grosso livro publicado para celebrar o 4º. Centenário da descoberta do Brasil, o mesmíssimo crítico, sempre competente e notável, conferiu-me um posto de honra entre os dezeseis príncipes da prosa nacional. Lá está na página 125 — são 16 os príncipes, nem mais nem menos, e eu sou um deles...

Com o sr. José do Patrocínio dá-se a mesma coisa. Ora, para este publicista eu sou o varão impertérrito que, tudo sacrificando á defesa de uma ideia, permaneço de pé sobre os escombros da Monarquia, ora o lacaio de Outro Preto a fingir que propugno a religião para fazer dela arma política. Paciente eu tolero a afronta, satisfeito agradeço o cortejo; e quando me encontro com esse cavalheiro a minha pergunta é esta: — José, em que ponto nos achamos? Teu último artigo foi elogio ou descompostura? Ele, com todo o seu bom coração, afiança que me quer muito... Somos excelentes amigos!

Um dos papéis que diáriamente se estampam nesta cidade, no dia dos meus anos, em 3 de Outubro próximo passado, descobriu que eu era isto: "Publicista terso e impecável, carácter de têmpera

rara, espírito desinteressado e indomável, condensando a sua vida pública em um exemplo de desassombro e de intransigência, que há-de honrar-lhe o nome através da história". Eis o meu belo retrato de homem público; agora o do homem particular: "Em sua alma, o fervor das crenças políticas é apenas igual ao culto pela probidade e pelas nobres virtudes que, com o seu talento de eleição, formam, na sua individualidade, a couraça intangível com que se apresenta nas lutas jornalísticas".

Muito bem; mas passados oito meses, o mesmo jornal, cujo nome não cito por desfalecimento de memória, apresentou-me aos seus leitores como um ente asqueroso e com todas as chagas morais que podem afeiar a humanidade!

Senhores, não falando dos nossos vultos eminentes, que naturalmente estão sempre em discussão, eu, entre os homens medíocres e merecidamente obscuros, sou aquele sobre quem mais tem chovido elogios e diatribes. Claro está que nem despenduro as coroas que me oferecem, nem perco apetite com as descomposturas com que me escovam... Sabeis o que na aritmética se entende por *média*. Adicionam-se as parcelas e divide-se a soma pelo número delas. E' o que tenho feito, e no fim das contas, acho que ainda foram generosos para comigo".

Este trecho de Carlos de Laet define a sua maneira de expor, sem falsas conveniências e sem ira. Não perde o prumo, não se irrita, não deixa a linha da serenidade. Mas igualmente não dá tréguas ao opositor. E' implacável na argumentação e jamais cede terreno a ninguém. Vejamos. Manteve acesa polémica com o pastor presbiterano Álvaro Reis, durante longos meses. Fez um trabalho minucioso de exegese bíblica em torno de inúmeros aspectos da heresia protestante. Com que destreza de ideias e segurança de lógica defendia os ensinamentos da Igreja! "Respondendo ao sr. pastor protestante Álvaro Reis — adverte Laet — tenho até aqui adoptado o sistema de aguardar que o meu contendor ponha termo ás suas ponderações, para então devidamente refutá-las, e isto por uma razão de método, que era a de apreciar em conjunto a argumentação contrária, só lhe oferecendo combate depois de ver formada a sua linha de batalha. Agora, porém, o mesmo já não se dá. O sr. Pastor não tem mais coortes, senão guerrilhas, e cumpre exterminá-las logo que se levantem. S. S. não faz mais do que repetir-se; e nestas circunstancias eu até poderia deixar de responder-lhe, se para proceder diversamente duas razões não influiram no meu espírito. Uma é que, muitas vezes, neste labutar da imprensa diária, não faz mal acudir com a verdade, sempre que se propina a peçonha da falsa doutrina. Ao finado Dom Pedro de Lacerda, que cerca de duas horas se tinha demorado a pregar, com mal disfarçado remoque notou certo personagem:—"V. Excia., assim muito se fatiga e até pode fatigar o auditório..." Ao que pronta-

mente ele contestou: "Por mim não se incomodem, que não fui feito bispo para descansar; e a Vocês não são demais duas horas de verdade por dia para vinte e duas de mentiras..." Insistir na sustentação da verdade é, pois, o dever que assim nos doutrinou aquele piedoso prelado, glória que foi do episcopado nacional; e, posto que nem digno eu jamais me considerasse de lhe desatar as correias das sandálias, muito me honro de seguir-lhe os ensinamentos nesta missão da imprensa católica, o que de certo perante os leitores me servirá de excusa para essas longuras e insistências".

Contestando uma afirmação de Carlos de Laet, o sr. Álvaro Reis insiste em negar o que o antagonista sustentara. Vejamos como responde o mestre da contenda no campo do pensamento: — "O sr. pastor acha que S. Inácio não podia ter pronunciado tal *heresia*, e grita: é falso! Como o demonstra? Indo ao lugar indicado por Bergier e denunciando que lá não estava a passagem? Não, senhores. O sr. Álvaro Reis foi ao "Flos Sanctorum" e, como na acta do martírio de Santo Inácio não encontra aquelas palavras, conclui que elas não foram escritas! E' pasmoso, mas é verdade. Singular meio de verificação! O sr. Álvaro Reis, exemplo, ouve atribuir a Salomão aquele pensamento: "O coração do sábio busca a doutrina: a boca dos insensatos se apascenta de impericia (Prov. XV. 14) S. s. vai ao Cantico dos Canticos, e, como lá não encontra a citação, conclui que é falsa! De tais discutidores — *libera nos, Domine...*"

Também o Conde de Laet enfrentou Enrico Ferri, quando o cientista europeu visitou o Brasil e realizou em nossa Pátria uma série de conferências públicas sobre doutrinas que foram por Laet qualificadas de "falaciosas utopias". Citemos um trecho de combate da pena do eminente escritor patrício contra a construção científica do famoso italiano: "Ocupando-se com os tipos de criminosos imaginados e descritos em obras de fantasia, o professor Ferri publicou um livro em cujo antelóquio dá de si mesmo uma informação preciosa. Ele diz que prefere fazer dez conferências discursadas a escrever uma só... O cenário da sessão ou do espetáculo, o influxo dos vastos auditórios, o calor dos aplausos são para o ilustre propagandista como que aperitivos da sua loquela; e, ao invés disso, metem-lhe medo, causam-lhe frio os gabinetes silenciosos em que se encerram mais modestos pensadores, prosseguindo laboriosos nas pesquisas de suas ideias.

Senhores, natureza diversamente conformada, comigo se dá exactamente o contrário. Sinto-me bem no meu quarto só povoado de livros. Os auditórios, quanto mais numerosos e ilustrados, mais me intimidam e embaraçam. Peço, pois, excusa para a minha timidez; e, isto assim dito deixa de ser velha retórica para assumir o tom simpático e modesto da físio-psicologia.

Um dos livros mais conhecidos do sr. Ferri, e dele existem vá-

rias edições francesas, intitula-se "Socialisme et Science Positive". E' de todas as suas obras a que melhor desenha a fisionomia do autor, dando-nos a linhagem da sua filiação intelectual. Ler este livro é, portanto, remontar ás fontes em que originariamente bebeu Ferri, e assim melhor compreender a sua propaganda. O livro tem como sub-título "Darwin, Spencer, Marx". Eis os três inspiradores do nosso egrégio itinerante, e aqueles em cujo estudo ele se formou, limitando-se a reproduzí-los com o aumento de uns corolários que diz lógicamente desentranhados daqueles seus progenitores. E se lícito fosse acrescentar um quarto pai espiritual, e assim quadrar aquela trindade, eu lembraria o sr. Lombroso. O sr. Ferri darwinista, spencerista e marxista mostraria a sua quarta e não menos brilhante faceta: negaria o livre arbítrio e escreveria sobre o direito penal.

Filho de um século que, despenhado da aresta positivista, precípite, deslizou para o materialismo, Ferri, que aliás parece não ter feito especiais estudos de ciências físicas e naturais, deixou-se embeber da ideia darwínica. Para ele é um dogma que toda a natureza se evolve de algumas poucas formas primitivas. As leis, sub-leis, quase-leis, pseudo-leis do darwinismo, ele não as discute, sobre elas não admite dúvida. Depois Ferri leu Spencer, cujas doutrinas em geral decorrem do evolucionismo darwínico e abeberou-se também de Spencer. Quanto ao Marx, sua grande razão, para ele, Ferri, de aceitá-lo sem discrepancia, foi apenas uma razão de autoridade: "O dogmatismo de Karl Marx (diz-nos Ferri) é intransigente e reveste forma algum tanto seca e áspera, mas o conteúdo geral é irresistível, porque se acha em completo acordo com toda a corrente do pensamento científico moderno (Socialisme et Science Positive, Paris, 1896, pág. 37, note).

Já pelo que sumáriamente fica exposto, começais, senhores, a compreender a configuração geral do arcabouço científico de Ferri. Suas bases estão em ciências que ele especialmente não cultivou, e que considera como definitivas conquistas da filosofia positiva, quando realmente não é lícito dá-las senão como simples hipóteses, impotentes para explicar grande número de factos. As deduções que das ciências naturais aplicou á Sociologia padecem todas da ilegitimidade das primeiras hipóteses. E, por fim, quando tratou de coroar o seu edifício com o lanternim do Socialismo, outra razão nos não dá senão a da conformidade de Marx com o movimento científico moderno, isto é, com o darwnismo e o spencerismo supostos incontestáveis. A imaginação dos Gregos, confirmando num engenhoso mito a construção babélica, representa-nos uns gigantes que, colocando montes sobre montes, pretendiam escalar o céu. Ferri e outros filósofos igualmente nutrem a audaciosa pretensão, mas em vez de penhascos são nuvens de hipóteses, são montanhas de fumaça os ma-

teriais que acumulam; nem é, pois, de admirar que para os subverter não mais seja preciso que uma aragem do bom senso..."

A longa citação foi intencional para que possamos apreciar a segura dialética e beleza de linguagem do eminente escritor a quem o Brasil deve as mais fulgurantes páginas da antologia nacional. No dizer de um seu contemporaneo, Laet possuía uma inteligência clara, arejada e luminosa. O mais fino e mais elegante dos dons espirituais — a ironia — foi a nota predominante do seu talento. Afirmou realmente alguém que a ironia é o sinal de elevação da inteligência. Algumas vezes usou da sátira para verberar os deslizes e sofismas do século. Então, as setas da sua aljava iam penetrar até o ámago das chagas sociais. Foi por isso considerado um jornalista terrível, pelo emprego da arma do sarcasmo, sem dó nem piedade, para com as misérias humanas.

Ainda bem moço travou memorável polémica com o grande esgrimista da pena — Camilo Castelo Branco. Será justiça proclamar que o impetuoso polígrafo lusitano, provocador desse embate, sentiu fugir-lhe a terra aos pés ante os golpes destros do "implacável florete do duelista brasileiro".

Não era um cidadão vaidoso. Desdenhava as honras mundanas e as glórias literárias. A prova disso é que publicou apenas um livro — "Em Minas" — e podia ter legado á bibliografia do País volumes e volumes de estudos magníficos do mais reconhecido mérito. Bastaria reunir, em tomos fartos, os artigos substanciosos, nos quais se retratavam tanta delicadeza de sentimento e amor á verdade, com que brindava os leitores dos mais importantes órgãos da Capital da República.

Informa um seu biógrafo que possuía a par de profunda erudição demonstrada á saciedade na cátedra de professor, durante a vida inteira, e nas colunas diárias da imprensa carioca, uma memória pasmosa a serviço de um estilo inimitavel. Há artigos de sua lavra que são ouro do mais precioso quilate. Pairou á altura dos maiores expoentes, que ocupam a primeira linha, em nossas letras, como Machado de Assiz e Rui Barbosa, para citar apenas dois epígonos da técnica de escrever bem no Brasil. Foi chamado com razão um enamorado da cultura clássica, pois ninguém o excedeu no rito da pureza vernácula. Os críticos dos nossos dias não podem de maneira alguma deixar de reconhecer nesse opulento e vigoroso prosador brasileiro que nos legou trechos os mais limpidos e os mais lúcidos das nossas bibliotecas, um legítimo intérprete das aspirações estéticas do nosso escol social. Foi por isso mesmo um poeta de admirável emoção, capaz de rivalizar com as figuras de prol em nosso Parnaso. Entre os mais formosos sonetos da Língua Portuguesa, ao lado de produções que se equiparam ás melhores que ornamentam qualquer literatura de

qualquer povo do mundo, pode figurar, por exemplo, este primor que se intitula "Triste Filosofia".

Ia Rosa vestir-se, e do vestido
Uma voz se desprende e assim murmura:
"Muitas morremos de uma morte escura,
Por que te envolva sérico tecido"...

Ia toucar-se, e escuta-se um gemido
Do marfim que as madeixas lhe segura:
"Por dar-te o afeite desta minha alvura,
Jaz na selva meu corpo sucumbido".

Põe um colar, e a pérola mais fina:
"Para pescar-me, quantos párias, quantos
Padeceram no mar lúgubres sortes!

E Rosa chora: — "Oh! desditosa sina!
Todo sorriso é feito de mil prantos,
Toda vida se tece de mil mortes!"

A memória de Machado de Assiz, seu presidente na Academia de Letras e seu velho colega de ofício, Carlos de Laet dedicou um soneto que é das mais tocantes expressões da poesia no seu genuino sentido.

No dia 29 de Setembro, data da morte do autor de "Braz Cubas", os membros da Companhia foram incorporados ao Cemitério de São João Baptista, no Rio de Janeiro, colocar flores sobre o túmulo do inesquecível romancista patrício. Carlos de Laet, presidente da Academia, recitou então este expressivo poema em catorze versos, que é um mimo de gentileza do coração:

Quando um anjo de espada rutilante
Deus pôs no limiar do Paraíso,
Teve entre as justas iras doce aviso
Para o triste casal, proscrito, errante...

— Voltareis, disse, e todo par constante
Num amor impoluto, casto e liso...
E agasalhou, com paternal sorriso,
Laura e Petrarca, Beatriz e Dante.

Com "pensamentos idos e vividos",
Terminada a labuta peregrina,
Surgem mais dois, mãos dadas, sempre unidos,

Batem á porta da mansão divina:
— Somos nós! somos nós os foragidos...
Sou Machado de Assiz! E' Carolina.

Aquele lidador das ásperas pelejas, nas colunas da ríja imprensa, escondia nos recessos dalma emoções tão delicadas, que sabia extravazar em versos de elevada e profunda sugestão psicológica! Na verdade, como escreveu Escragnolle Dória, duas estrénuas actividades mentais, sem qualquer momentaneo arrefecer, preencheram a longa vida de Carlos de Laet: — o professorado e o jornalismo. Na cátedra era sereno; armígero, na imprensa... Periodista temível e temido, como asseverou o aludido escritor patrício, mesmo que escrevesse sob pseudónimo, sua personalidade era inconfundível. Defendeu duas crenças com sinceridade e com aferro infrangível — a crença religiosa e a crença política.

Mornaquista e católico — comenta Escragnolle Dória — o foi com desassombro, confirmando as suas convicções ao mantê-las ante o perigo de vida e risco de perseguição: — "Tudo podem fazer em meu prejuizo, menos humilhar-me" — disse Laet, certa vez, a alguém, ao tornar de audiência oficial desagradável. Uma singularidade da sua existência devotada ao estudo e ao saber: — Nasceu carioca, viveu carioca; dedicou todas as suas conquistas e vitórias á terra do berço. Obteve a sua florejante cultura humanística no Colégio de Dom Pedro II. Da juventude á velhice, trabalhou com afinco, obtendo as posições que ocupou pelo mérito pessoal. Professor por concurso, ainda mui jovem, escolhido membro fundador da Academia de Letras, por consenso acertado dos seus pares. A esse respeito depõe António Chediak, que publicou dois interessantes volumes sobre a personalidade do preclaro brasileiro: — "E' Laet, sem dúvida, dos prosadores de maior tomo e lustre da Língua Portuguesa no Brasil. Na brilhantez e naturalidade de expressão, na propriedade castigada dos termos, pode haver, talvez, quem lhe iguale, mas duvido que haja quem lhe leve as lampas. Tanto que quando o lemos parece-nos ter, entre mãos, ou Luz e Calor, ou Estimulos Práticos, pelas qualidades que o ombreiam ao autor de Nova Floresta. Deve-se tão acalorada perfeição a ter-se, muito cedo, dedicado, com ardor, ás letras, por vocação que o arrastou a abandonar as ciências exactas, tão galhardamente exercitadas pelo seu talento prismático. Durante os 7 anos que assistiu, como aiuno ao Colégio de Dom Pedro II, logrando sempre o primeiro prémio, já se desabotoava, pomposo, o literato futuro, ensaiando-se nos primeiros voos á região das utopias e dos sonhos. Passando á Escola

Central, depois crismada em Politécnica, nem por isso se lhe arrefeceu o espírito literário. Saciava-se da Castália, sem renegar-se do Arquimedes..."

Na imprensa escreveu folhetins domingueiros, ao lado de Machado de Assiz. Bem cedo foi convidado a colaborar no "Jornal do Comércio", cujas colunas, na observação de alguém, eram privativas de celebridades já consagradas pelo público. Manteve ali a secção "Microcosmo", crónicas as mais fascinantes da época. Discutiu com Valentim Magalhães, Lameira de Andrade, Sílvio Romero, Alfredo Gomes, Castro Lopes, França Júnior, Ferreira de Araújo, Quintino Bocaiuva, Filinto de Almeida, Artur Azevedo, Miguel Lemos, Teixeira de Freitas, Hemetério dos Santos, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque e muitos outros vultos da maior evidência intelectual. Do mesmo modo que enfrentava os adversários da sua fé religiosa e política, debatia Finanças com financistas e Direito com jurisconsultos. Foi célebre a sua polêmica com Rui Barbosa sobre assuntos jurídicos. Discordou de correligionários, pondo-se ao lado das causas que julgava justas, atacando a Monarquia na famigerada Questão Religiosa e terçando armas com Andrade Figueira e Joaquim Nabuco.

Duas vantagens apresentava Laet em qualquer discussão, fosse qual fosse o adversário — escreveu Jónatas Serrano: a habilidade em desferir as setas da ironia e a perícia incomparável em manejar o idioma.

Dele afirmou o barão de Ramiz Galvão que era um homem de atitudes inflexíveis... A política tão frequentemente se parece com a prestidigitação, aliando-se hoje os que ontem se combatiam. Laet, como testemunha aquele ilustre varão de Plutarco, felizmente, para as letras, para o magistério e para a grande tribuna do jornalismo, escapou do perigo. Protestou, altiva e desassombradamente, em plena Congregação do Colégio de Dom Pedro II, contra a retirada do nome do Imperador daquele educandário, a que o venerando e augusto monarca dedicara tão desvelado carinho. Esse nobilíssimo gesto custou-lhe a perda do cargo por um decreto assinado em 2 de Maio de 1890. A represália facciosa causou repulsa em todos os círculos sociais e Benjamim Constant, pressentindo a indisposição geral diante de tamanha injustiça, transformou, com a sua intervenção, o acto de violência em aposentadoria. Em 1925, no governo do Presidente Venceslau Braz, o Conde de Laet foi reposto á efectividade voltando ao seu cargo que tanto enalteceu pelo saber e pela integridade. Em dias de efervescência revolucionária, escreveu Laet o seu programa de bom combate neste período lapidar: — "Prevarica, no dizer do sábio, o lavrador que não se inclina sobre o arado. O meu arado é este pujante instrumento de publicidade, com que se arroteia o terreno das ideias. Que o possam cavar bem fundo os meus débeis braços, e bem cedo se desenvolvam os germes de fraternidade e concórdia que

daqui lanço ao espírito de quantos me lerem". Aliava assim sua invacilável intrepidez ao animo de serenidade e prudência. Quando toda a imprensa do Rio se submeteu á imposição de censura do Governo Provisório da República, a "Tribuna Liberal", redactoriada por Laet, manteve enquanto pôde a sua independência de opinião, até que fechou as suas portas para não compactuar com a prepotência.

Ouçamos o depoimento de Laet, neste incisivo episódio por ele narrado na "Década Republicana: — A todos esses jornais, claro está, abria excepção a "Tribuna Liberal", que no mesmo dia do motim recebeu do governo intimação para não dar notícia que pudesse alvoroçar o espírito público. Portador dessa ordem russiana (hoje por ventura o qualificativo teria ainda maior vigor de expressão) foi um dos sobrinhos do chefe do Governo Provisório e que nesta delicada missão se fazia acompanhar de um paisano.

— Retire-se o artigo de fundo e imprima-se em tipo normando, no espaço em branco, que o governo mandou suprimir o artigo. Tal foi a resposta do redactor-chefe da "Tribuna". E já o capitão se dava por satisfeito, quando ao seu companheiro, mais sagaz, não escapou que valia aquilo uma explicita supressão da liberdade de imprensa". Entre os presos do jornal figurou o destemido e valente redactor-chefe.

Traslado para aqui o episódio da prisão do bravo monarquista que, com mágoa e susto da consternada família — segundo a sua maneira de dizer — ainda não educada na perseguição que, depois, se lhe tornou costumeira, viu sair de casa o seu chefe entre descorteses beleguins e estúpidas ameaças. Citemos textualmente o depoimento de Laet: — "Como aos paternais conselhos que o sr. Bocaiuva, no Quartel General lhe foram dados, não se conformou o redactor-chefe da "Tribuna Liberal", o qual na coragem dos seus nobres companheiros hauria eficaz ensinamento para perseverar no seu posto de honra, deliberou o Governo Provisório promulgar o monstruoso decreto de 23 de Dezembro, que eternamente constituirá na legislação da nossa Pátria um monumento de opróbrio para os que o referendaram.

Porque me prendem? perguntou no Quartel General, ao sr. Bocaiúva, o jornalista da "Tribuna" que para lá fora arrastado. De actos contra o governo ninguém me pode acusar, pois, não passo de um escritor oposicionista. De pensamentos, seria absurdo. E se é do que tenho escrito, a culpa é dos senhores, que não declaram abolida, com a monarquia, a liberdade de imprensa, que com ela floresceu".

Foi em face de tudo isso que Laet resolveu suspender a publicação do seu jornal. E' o que se pode chamar, á antiga, homem de antes quebrar que torcer!

Já dissemos o bastante para mostrar que é de alta justiça a homenagem prestada pelo "Instituto do Ceará" ao conspícuo cidadão, cujo centenário o Brasil comemora em meio de vivas e emocionantes

demonstrações de saudade e de gratidão. Carlos de Laet foi, sem contestação possível, um dos luminares das nossas letras. A sua ciência não consistia no estudo da *casca das coisas*... Não se arrastava, terra a terra. Elevava-se á procura da causa dos conhecimentos. Pelas asas da Fé subia ás regiões serenas e luminosas em busca da verdade. A sua crença consolidava-se pela investigação e pelo raciocínio, seguindo a trilha do *rationabile obsequium,* de que nos fala S. Paulo. Era uma ciência sólida e consciênte, que não se assemelhava á meia ciência preocupada, em vão, no destruir o mistério e desbancar o sobrenatural, "Ciência de catálogo e de algibeira, ciência de oitiva e de segunda mão", que ele combateu com tanta lucidez e galhardia no seu longo e fecundo ministério apostolar da imprensa.

Nesta associação de culto á sabedoria autêntica fica muito bem o timbre desta solenidade, em honra de Carlos de Laet, por motivo da efeméride dos cem anos de seu nascimento. Que a sua memória, das mais gratas e saudosas para os que amam a Pátria e rendem sincero preito ao justo mérito, seja para as gerações sucessivas um estímulo ao afã de bem servir á Religião e ao Brasil!